

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO TÊXTIL E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS LIMINARES EM TORITAMA, PERNAMBUCO

Paulo Fernando MELIANI¹

Edvânia Tôres Aguiar GOMES²

RESUMO

A experiência produtiva de Toritama, município do agreste pernambucano, uma iniciativa de desenvolvimento local por meio da indústria têxtil, apresenta-se como um exemplo das transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Os processos de produção têxtil, os quais em Toritama mostram características de trabalho autônomo e precário, determinam uma formação de espaços geográficos “liminares”, lugares onde coexistem os mundos do trabalho e da moradia, de produção e de reprodução da força de trabalho. Assim, a dinâmica sócio-espacial derivada da atividade produtiva dificulta o tratamento funcional da cidade, na perspectiva tradicional de planejamento por meio de zonas de uso rígidas. Além disso, a produção especializada na confecção de *jeans* acarreta problemas ambientais, notadamente de poluição hídrica, os quais tornam ainda mais complexas as resoluções dos problemas sociais, pela necessidade de inclusão de aspectos naturais nas perspectivas de planejamento urbano-regional.

Palavras-chave: Mundo do Trabalho, espaços liminares, Toritama.

ABSTRACT

The productive experience of Toritama, a city of the Pernambuco agreste, is an initiative of local developing by the textile industry, and is an example of the contemporaries' transformations of world's work. The textile production processes that in Toritama have features of autonomous and precarious work, determine a formation of “luminaries” geographic spaces, places where coexist working and living worlds, production and reproduction of work's power. Therefore, the social-spatial dynamics derived from the productive activity provoke difficulties to the functional treatment of the city, through the traditional perspective of planning by zones of rigid use. Besides that, the specialized production of the jeans confection brings environmental disorders, remarkably with water pollution, that makes even more complex the resolutions of social problems, noticed by the necessity of including natural aspects on the perspectives of urban-regional planning.

Key words: World's work, luminaries spaces, Toritama.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi idealizado a partir das atividades de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA). Doutorando em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: paulomeliani@hotmail.com.

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: torres@ufpe.br.

intitulada “Trabalho na Contemporaneidade” e ministrada pela professora Elizabete Mota. Em uma visita técnica à cidade de Toritama, alunos da disciplina e membros da equipe do projeto de pesquisa (“Arranjos produtivos locais e trabalho precário”) e do projeto de extensão (“Questão social nos arranjos produtivos locais – a realidade de Toritama”), ambos do Departamento de Serviço Social da UFPE, puderam identificar algumas características dos processos produtivos vigentes no município.

A produção têxtil de Toritama, estimada em aproximadamente 15% da confecção brasileira de “jeans”, é responsável pelo considerado “pleno emprego” da população do lugar nas atividades de confecção, de lavagem e coloração das peças, bem como nas atividades de venda em lojas e representações. O produto final, além de comercializado nas lojas da cidade, é vendido em “pólos” de vendas, como os de Toritama e de Caruaru.

O pólo de vendas de Toritama reúne centenas de lojas em espaços dotados de infraestrutura básica, como restaurantes e estacionamento para automóveis e ônibus para quem vem de fora adquirir o produto, inclusive para revenda em outros lugares. Parte da produção também é comercializada por meio de representação ou venda direta para lojistas de outras partes do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A tradição do trabalho familiar é percebida na cidade como uma espécie de “empreendedorismo”, exaltando-se a iniciativa das pessoas do lugar, na busca de soluções para a falta de trabalho formal na região. Segundo Lucena (2004), a opção de uma especialização para a confecção de “jeans” foi uma estratégia, ao que parece fomentada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), de criação de um “nicho” de negócios sem a concorrência das cidades vizinhas, como Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe.

O SEBRAE, por meio de “Unidade de Negócios Caruaru”, existente desde 1989, propõe programas de incentivo, financiamento e orientação empresarial às pequenas empresas do setor de confecção, entre outros, em uma área do agreste pernambucano que abrange 35 municípios, entre eles, Toritama. Segundo a página do SEBRAE/PE na “internet” (www.pe.sebrae.com.br), um dos destaques das atividades da Unidade Caruaru é o Projeto de Desenvolvimento do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Surubim. Além do SEBRAE, a atividade produtiva de confecção tem o apoio da Prefeitura do município, que propiciou a estrutura física do pólo de vendas da cidade.

1.1. Precarização do trabalho na produção do “jeans” em Toritama

Segundo Antunes e Silva (2004), assistimos hoje uma dupla e aparentemente paradoxal transformação do trabalho, já que ela atinge não só o conteúdo da atividade, mas, também, as formas de emprego em um duplo processo que corre em sentidos opostos. De um lado, há uma exigência de “estabilização”, de implicação dos sujeitos no processo de trabalho por meio de atividades que requerem autonomia, iniciativa, responsabilidade e comunicação. Por outro lado, verifica-se um processo de “instabilização”, com a precarização dos vínculos empregatícios e a flexibilidade no uso da força de trabalho.

Movimento de duplo e oposto sentido, esta transformação do mundo do trabalho é apenas “pseudo” paradoxal, pois expressa mais uma das muitas contradições intrínsecas do modo-de-produção capitalista. Segundo Netto e Braz (2007), da contradição fundamental do capitalismo, “a produção socializada e a apropriação privada” derivam outras contradições como a do incessantemente crescimento da produção de mercadorias sem um correspondente crescimento do poder aquisitivo.

Uma dupla transformação, apenas aparentemente paradoxal, em virtude da oposição dos processos que modificam o conteúdo do trabalho no sentido da autonomia e as formas de trabalho no sentido da precarização, uma oposição “autonomia-precariização”. Segundo Mészáros (2006), as oposições antagônicas (“fazer e pensar”, “ser e ter”, “meios e fins”, “vida pública e vida privada”, “produção e consumo”, etc.) caracterizam alienações que passam pelo estranhamento das pessoas na vida cotidiana, notadamente a do “trabalho alienado”³.

Em Toritama, percebe-se a existência desse duplo e oposto processo de transformação do mundo do trabalho. De um lado há o discurso da necessidade do engajamento no projeto empresarial, do empreendedorismo das pessoas do lugar, necessário para o sucesso dos empreendimentos. Por outro lado, o trabalho “por conta própria”, atende as necessidades empresariais de flexibilidade das relações de trabalho, desobrigando os empresários de pagar os direitos que formalmente teriam os trabalhadores, além de transferir a eles os riscos das oscilações do mercado.

As preocupações quanto à questão do desemprego, dominantes nos meios de comunicação e nos discursos políticos, parecem encobrir os complexos problemas sociais

³ Analisando o conceito de alienação em Marx, o autor identifica características do “trabalho alienado”, como a alienação do homem de sua própria atividade, que se expressa na “relação do trabalho com o ato de produção no interior do processo de trabalho, isto é, a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade alheia que não lhe oferece satisfação em si e por si mesma, mas apenas pelo ato de vendê-la a outra pessoa” (MÉSZÁROS, 2006).

do mundo do trabalho. O discurso político e empresarial em Toritama é de que não há desemprego no município, de que praticamente toda a população está formal ou informalmente empregada na produção têxtil, como se isso por si só fosse um fator de resolução dos problemas sociais.

Segundo Ramiro e Loturco (2002), em matéria apresentada na revista “Veja” de 11 de novembro de 2002, Edílson Tavares Lima, para os autores um dos mais bem-sucedidos empresários de Toritama afirma: “não há desemprego entre os 21.000 habitantes de Toritama” e “a renda per capita da cidade é quatro vezes superior à média nacional”. O jornal “Diário de Pernambuco”, na edição de 22 de janeiro de 2004, em matéria especial sobre os 50 anos de Toritama, destaca o crescimento da população e do produto Interno Bruto do município na década de 1990:

Em menos de uma década, a cidade teve elevada em 46,2% sua população, passando de 14.907 habitantes em 91, para 21.800 habitantes em 2000, ou seja, uma variação três vezes maior do que a média de crescimento da população registrada em igual período no País (...). Assim como a população, o PIB da cidade também apresentou no mesmo período um crescimento de 41,9%, superando a média nacional, que ficou em 30,1% e a do Nordeste, que chegou a 34,9%.

Entretanto, os processos de produção têxtil em Toritama apresentam características de “precarização” da força de trabalho, fenômeno denominado por Vasapollo (2005) como “trabalho atípico”, em função da contraposição com as formas de trabalho regulamentadas e relativamente estáveis, prevalentes durante o período da indústria fordista. Em tempos de reestruturação produtiva, desencadeada pela crise do fordismo, na busca pela recuperação do padrão de acumulação capitalista, o trabalho atípico é uma estratégia empresarial de ampliação das formas de exploração da força de trabalho.

As transformações no mundo do trabalho têm origem em uma “nova informalidade”, que não elimina o sistema de assalariamento nem antigas formas de trabalho informal, mas que ocorre por meio de uma transfiguração do setor informal, que objetiva a adequação de velhas formas de trabalho às novas exigências da acumulação capitalista (TAVARES, 2004). Para a autora, as atuais formas de trabalho precário não são resultantes das transformações recentes na base material do capitalismo, mas sim das políticas flexibilizadoras que modificam a organização da produção e os aspectos jurídicos das relações de trabalho.

A produção têxtil em Toritama se caracteriza pela segmentação do processo produtivo, já que a confecção do “jeans” é realizada em diversas etapas: a aquisição do tecido, o corte do tecido, a costura e o reforço, a lavagem e o acabamento das peças. Estas etapas produtivas, por vezes, são realizadas em “facções”, como são chamadas as autônomas e, quase sempre, informais oficinas de costura, improvisadas nas próprias residências dos moradores de Toritama, muitas nas garagens das casas, mas muitas também dentro delas, ocupando o espaço dos cômodos residenciais como salas e quartos (Figura 1).

Parte da produção de “jeans” em Toritama é também realizada nos chamados “fabricos”, que se constituem de empresas com costureiras nem sempre profissionalizadas formalmente por meio de registro em carteira de trabalho, do mesmo modo que os demais empregados do fabrico, como os que trabalham na lavagem das peças, quando isso se realiza na própria empresa⁴. Em geral, as facções e fabricos trabalham por empreitada ou por peça produzida, recebendo encomendas com prazo determinado para entrega, sendo comum a realização de apenas uma ou outra etapa do processo produtivo. Grandes encomendas e apertados prazos de entrega, exigem a participação de todos os membros da família, não sendo incomum o trabalho infantil na confecção do “jeans”, por vezes, em jornadas de trabalho que podem se estender noite adentro e em finais de semana.



Figura 1. Imagens de oficinas de costura instaladas em residências, na garagem (à esquerda) e dentro da própria casa (à direita).

A contratação de pequenas empresas, como as facções familiares de Toritama, oculta a relação entre capital e trabalho dentro da ideologia da “autonomia”, que torna o

⁴ Apesar do predomínio de mulheres costureiras nas facções e fabricos, determinado pela tradição regional do trabalho familiar feminino, a grande demanda pela confecção de “jeans” em Toritama absorve também o trabalho de homens, que vêem na atividade uma possibilidade de emprego.

trabalhador até então assalariado em proprietário, ascendendo-a a uma falsa condição de livre e igual. Sob o signo do “empreendedorismo”, a flexibilidade do trabalho permite ao empresário que o processo produtivo aconteça nas oficinas instaladas nas residências, ou seja, fora da empresa. O empresário garante assim não só a produção de mercadorias, mas também a reprodução da força de trabalho necessária à continuidade dos negócios, sem nenhum ônus empresarial.

Além disso, os trabalhadores autônomos assumem outros custos empresariais, como a energia consumida pelas máquinas e equipamentos, e a sociedade assume os encargos da coleta e destino dos resíduos da produção, de rejeitos advindos do processo produtivo. Esse modo autônomo de produzir gera impactos na gestão das cidades, pois o lixo doméstico misturado ao lixo advindo do trabalho é coletado pelo serviço público, havendo aí uma transferência do encargo empresarial para a sociedade.

Após a confecção das peças em uma facção, elas podem ser levadas a uma lavanderia, onde depois de lavadas e/ou tingidas, retornam a facção, não necessariamente a mesma que as confeccionou inicialmente, para o acabamento final como corte de linhas, fixação de etiquetas, etc. Nas lavanderias, são realizados diversos processos necessários à produção do “jeans” (Figura 2). As peças, originalmente cortadas e costuradas no tecido ainda bruto, são lavadas muitas vezes utilizando produtos químicos que as descolorem na maneira exigida pelos compradores. Outras vezes, as peças são tingidas secas, para depois serem novamente lavadas e passadas, dando a coloração demandada pelo tipo de “jeans” que se quer produzir.

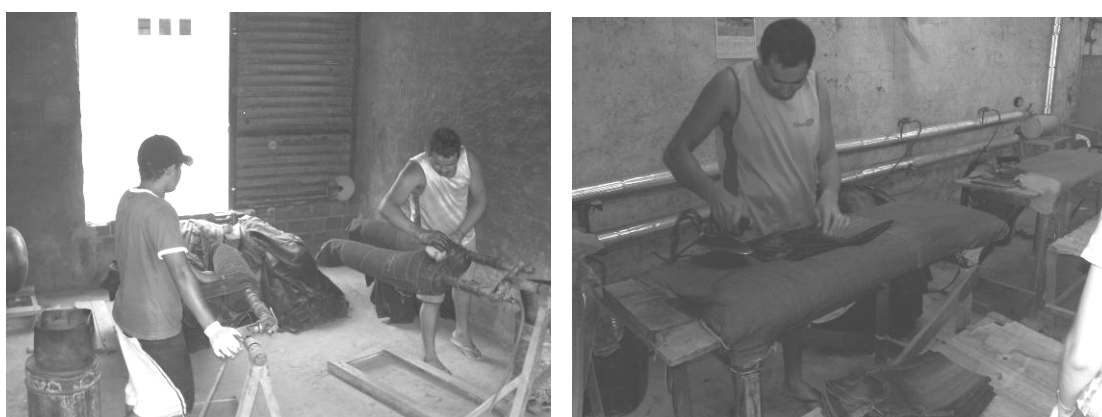


Figura 2. Imagens de trabalhadores de lavanderias colorindo (à esquerda) e passando (à direita) as peças a ferro.

1.2. Trabalho precário e formação de espaços liminares

A organização do espaço é resultado de processos sociais que estabelecem formas geográficas advindas do uso da terra, das funções que os lugares assumem dentro de um sistema sócio-econômico. Para Santos (2002), o espaço é formado como resultado material acumulado das ações humanas ao longo do tempo, e animado pelas ações atuais que lhe atribuem dinamismo e funcionalidade. “Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento”.

Algumas tradições regionais parecem ter sido determinantes para a origem e o desenvolvimento do setor têxtil em Toritama, notadamente a tradicional produção de calçados em couro e a tradição do trabalho familiar, em especial o feminino, de se confeccionar roupas para serem vendidas nas ruas de Caruaru, em feiras populares conhecidas como “sulanca”. Com as sobras de malhas conhecidas como “helancas”, vindas das fábricas da capital pernambucana, Recife, bem como das indústrias do sudeste brasileiro, as famílias da região confeccionam peças de roupa vendidas a preços populares nas feiras de “sulanca”.

A sobrevivência das pessoas do lugar, possibilitada pela utilização de materiais descartados pelas grandes indústrias, estabelece a existência de um circuito econômico inferior, nos termos de Santos (2005). Segundo o autor, coexistem em países subdesenvolvidos dois circuitos econômicos, um superior outro inferior, sendo que ambos são subsistemas do sistema global que uma cidade em si representa. O circuito superior, o das grandes empresas, utiliza alto nível tecnológico, uma tecnologia de “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo”.

Segundo Santos (2005), há uma dependência do circuito inferior em relação ao superior que, no caso de Toritama, permanece com o aparecimento do setor têxtil de “jeans”. As roupas populares, as peças que atualmente são vendidas nas feiras de sulanca, são produzidas com as sobras de “jeans” ou ainda peças que não atendem os padrões de qualidade das marcas que encomendam a produção em Toritama.

A produção têxtil produz também o espaço geográfico de Toritama, manifestando-se na organização da cidade em função das atividades de confecção, lavagem e comercialização do “jeans” (Figura 3). As pequenas confecções (facções) estão distribuídas por toda a cidade, já que estão preferencialmente instaladas nas residências, improvisadas nas garagens e cômodos das casas. Do mesmo modo, os fabricos, em geral

empresas mais estruturadas, podem instalar-se tanto em casas quanto em galpões onde se reúnem os trabalhadores, as costureiras e os demais empregados.

Em Toritama, a avenida principal da cidade (João Manuel da Silva) destaca-se por um uso mais seletivo do espaço, já que estão instaladas ali lojas mais sofisticadas, por vezes, próximas a estabelecimentos que funcionam como vitrines para atendimento de consumidores mais exigentes, intercaladas com residências com elevado nível de ocupação, sugerindo que nesta avenida moram os empresários mais bem sucedidos. Também na Avenida João Manuel da Silva estão instalados consultórios médicos e outros estabelecimentos de serviços que atendem muito provavelmente a parcela da população com melhor poder aquisitivo. O tamanho dos terrenos e o padrão arquitetônico das casas, lojas e escritórios revelam por si esta seletividade do espaço nesta avenida principal.



Figura 3. Imagens do pólo de vendas de Toritama (à esquerda) e Avenida João Manuel da Silva (à direita).

Na organização do espaço da cidade de Toritama chamam também a atenção formas de apropriação privada de espaços públicos. É comum a utilização das calçadas das ruas como depósito de materiais utilizados na produção, notadamente de lenha utilizada para a geração de energia que move as máquinas e equipamentos das lavanderias. Por vezes, a secagem das peças é realizada nas ruas e praças, caracterizando também esta apropriação do espaço público em função de interesses particulares.

A geração de energia por meio de fornos a lenha é, juntamente com os resíduos da lavagem do “jeans”, um dos maiores problemas ambientais associados aos processos de produção têxtil em Toritama (Figura 4). A demanda por lenha para a geração de energia incrementa os processos de desmatamento tanto da zona rural dos municípios da região,

quanto de outros Estados, como a Paraíba. A queima da lenha gera energia para as máquinas e equipamentos das lavanderias, como lavadoras, secadoras e ferros de passar.

Além do problema ambiental da utilização da lenha, as lavanderias não possuem sistema de tratamento dos efluentes e a água utilizada na lavagem e tingimento é lançada, sem tratamento, nos canais de água pluvial que deságuam no rio Capibaribe. Nas lavanderias, há uso indiscriminado de produtos químicos, sem a utilização de equipamentos de proteção por parte dos trabalhadores que os manipulam.



Figura 4. Imagens da caldeira movida à lenha para a geração de energia (à esquerda) e produtos químicos utilizados em lavanderias de Toritama (à direita).

A poluição das águas implica em se pensar também a gestão pública da cidade dentro da perspectiva dos sistemas naturais, como o das bacias hidrográficas. Concebidas como sistemas naturais, as bacias hidrográficas são constituídas por canais de drenagem articulados que estão organizados naturalmente para a mobilização da água e sedimentos. Assim, a poluição de um dos canais de drenagem que compõe a bacia, repercute pela rede hidrográfica poluindo o rio principal, no caso o Capibaribe, à jusante do ponto de contaminação.

A produção têxtil de Toritama, além da distribuição espacial das formas geográficas e das conseqüências que acarreta ao meio ambiente, parece também determinar as relações sociais que organizam o espaço da cidade, notadamente com sua realidade do trabalho. A formação de espaços liminares e os problemas ambientais provenientes da atividade são desafios para gestão pública da cidade, em função das múltiplas e dinâmicas relações sócio-econômicas que se estabelecem no lugar.

As formas de trabalho precário redefinem tempos e espaços de vida social, obrigando os trabalhadores a uma vivência que não distingue tempos nem espaços de

trabalho e de não-trabalho, em função de a produção acontecer dentro da vida privada das famílias. Este de modo autônomo de se produzir nas próprias casas desfaz formas e funções espaciais estabelecidas tradicionalmente, como os até então distintos espaços de trabalho e de residência, bem como os tempos de trabalho e tempos de lazer e ócio.

Com a formação desses espaços “liminares”, que misturam histórias e funções, lugares lucrativos e não-lucrativos, casa com espaço de trabalho (ZUKIN, 2000 citada por GOMES, 2002), aumentam as dificuldades da gestão pública das cidades. Nesse sentido, não é possível trabalhar a cidade com zonas de uso rígidas e limites inflexíveis, especialmente no aspecto funcional do zoneamento preconizado para a cidade, tanto nas zonas residenciais como de serviços, lazer e espaços de circulação (GOMES, 2002).

2. REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; SILVA, M.A.M. (Orgs.). 2004. **O avesso do trabalho**. 1ª ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 416p.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2004. **Especial 50 anos de Toritama – PIB supera média do país**. Recife, PE: 22 de janeiro de 2004.

GOMES, E.T.A. 2002. *O trabalho desafiando o modelo funcional das cidades - entre a oficina como unidade produtiva e a casa como espaço reprodutor da força de trabalho*. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona. v. VI, n. 119, p. 78.

LUCENA, W.G.L. 2004. **Uma contribuição ao estudo das informações contábeis pelas micro e pequenas empresas localizadas na cidade de Toritama no Agreste pernambucano**. Dissertação de Mestrado Multi-institucional e Inter-regional em Ciências Contábeis. Unb, UFPB, UFPE, UFRN. João Pessoa, PB. 114p.

MÉSZÁROS, I. 2006. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo, SP: Boitempo Editorial. 296p.

NETTO, J.P.; BRAZ, M. 2007. **Economia Política: uma introdução crítica**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Cortez. 258p.

RAMIRO, D.; LOTURCO, R.L. 2002. “*Poder da empresas - Metade dos empregos formais é gerada pelas micros e pequenas empresas*”. **Revista Veja**. Edição 1777. São Paulo, SP: Editora Abril.

SANTOS, M. 2002. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo. 384p.

SANTOS, M. 2005. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo. 176p.

TAVARES, M.A. 2004. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista – Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo, SP: Editora Cortez. 216p.

VASAPOLLO, L. 2005. **O trabalho atípico e a precariedade**. 1ª ed. São Paulo, SP: Expressão Popular. 120p.